



Desafios para a formação de adultos para o século XXI

Paulo Duarte, Formador Equipa Nacional Adultos, Região de Lisboa

O mundo mudou!

Cada vez mais, no século XXI, somos bombardeados com uma quantidade de informação sem precedentes. Tudo está prontamente disponível através de uma pesquisa instantânea. Com tanto conteúdo disponível, o modelo tradicional de formação não prepara os adultos voluntários para “*desempenharem o melhor possível as obrigações da missão que lhe é confiada*”. De facto, desde a sua criação, o escutismo oferece de forma não-formal, um processo de educação de crianças e jovens assente numa perspetiva que valoriza, não só a aquisição de conhecimentos, como também o desenvolvimento de competências e atitudes que preparem os mesmos para se tornarem cidadãos ativos e empenhados na sociedade.

No entanto, na formação de adultos voluntários, este não tem sido o principal modelo aplicado. Tal como pensamos para as nossas crianças e jovens, **aprender é pesquisar, descobrir e fazer!** Por isso, a formação já não pode seguir um modelo de estritamente ouvir em silêncio o formador e memorizar informação. Ninguém vai ensinar empatia de forma expositiva. E ninguém vai aprender empatia com quem não é empático. É necessário uma nova perspetiva e abordagem. O conhecimento técnico é muito relevante mas também muito volátil. As *Soft Skills* (ou competências transversais), como atitudes, valores, cultura, autoconhecimento ou mais especificamente a resolução de problemas, o pensamento crítico, a criatividade e inovação, a gestão de pessoas, o trabalho em equipa, a inteligência emocional, a tomada de decisão e discernimento, a orientação para o serviço, e capacidade para a negociação e flexibilidade cognitiva, são atemporais e de extrema importância. O papel do formador deve então ser de autêntico mentor dos formandos. Mas para tal, estes precisam de se atualizar bem como de serem reconhecidos nessas apetências, para que possam motivar e capacitar a aprendizagem.

É urgente mudar o paradigma da formação e criar materiais e métodos que permitam desenvolver estas competências. A revolução tecnológica em que vivemos, leva-nos em direção a uma metodologia de formação híbrida e diferenciada, onde as metodologias ativas devem assumir um papel cada vez mais preponderante. Mas as metodologias tradicionais não devem ser eliminadas e sim coordenadas. As ferramentas digitais devem dialogar com as ferramentas mais tradicionais. Tudo isto sem nunca esquecer as bases e fundamentos do escutismo.

Por todos estes motivos, a formação deve dar ferramentas aos adultos voluntários para que possam adotar um espírito de curiosidade, desenvolver um *mindset* de adaptação à mudança e permitir que cada um possa investir na sua própria aprendizagem contínua, que é sempre fundamental.